



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm.3, set.-dez. 2013

O CONTEXTO NORDESTINO NOS CORDÉIS *O BALÃO DO DESTINO OU A MENINA DA ILHA*



THE NORTHEASTERN CONTEXT IN THE CORDEL BOOKS *O BALÃO DO DESTINO OU A MENINA DA ILHA*

Luciana Almeida dos Santos
FIP, Brasil

Verucci Domingos de Almeida
UEPB, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 20/12/2013 • APROVADO EM 27/03/2014

Abstract

The Cordel literature has a cultural history that embraces since the oral poetry until printed books dealing with romances, strife, historical events, tragedies, fantastic tales of kingdoms, princes, princesses, fairies and witches, among others. Although the cordel books are considered universal, they present aspects that characterize a particular reality, often marked by Northeastern context, where the cordel literature was consolidated in Brazil. The cordel

books *O balão do destino ou a menina da ilha*, despite dealing with a love story set in a kingdom, refer to the imaginary of the Northeastern people, to primarily especially the customs of their people and their religion. The moral and ethical values of the people of the Northeast also permeate these cordel books. The poet regionalizes some elements present in the narrative, in order to approximate the readers / listeners of the universe of the cordel literature.

Resumo

A literatura de cordel possui um histórico cultural que abrange desde a poesia oral até os folhetos impressos que tratam de romances, pelejas, acontecimentos históricos, tragédias, narrativas fantásticas sobre reinos, príncipes, princesas, fadas e bruxas, entre outros. Os folhetos, embora sejam considerados universais, apresentam aspectos caracterizadores de uma realidade particular, muitas vezes marcada pelo contexto nordestino, local onde a literatura de cordel se consolidou no Brasil. Os cordéis *O balão do destino ou a menina da ilha*, apesar de tratarem de uma história de amor situada em um reino, remete ao imaginário do povo nordestino, ao retratar, sobretudo, os costumes do seu povo e sua religiosidade. Os valores morais e éticos do povo do nordeste também permeiam este folheto. O cordelista regionaliza alguns elementos presentes na narrativa, a fim de aproximar o leitor/ouvinte do universo da literatura de cordel.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Cordel literature. Brazilian Northeast. Religiousness.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel. Nordeste brasileiro. Religiosidade.

Texto integral

Introdução

Este artigo tem como finalidade discutir a literatura de cordel presente no nordeste brasileiro, bem como a presença de elementos que identifiquem o contexto sócio-cultural nos folhetos *O balão do destino ou a menina da ilha*, de João Martins de Athayde, considerando a importância das obras deste poeta para a história da literatura popular.

Através da leitura dos cordéis verifica-se que embora o enredo trate de uma típica história de amor impossível e arrebatadora entre um príncipe da corte de Atlântida e uma moça “camponesa”, há referências ao ambiente nordestino, além de alguns elementos culturais do nordeste, no que se referem à crença religiosa. A

religiosidade está muito presente nos folhetos de cordel, por ser um elemento essencial do povo do nordeste brasileiro e por causa disso constitui um dos grandes ciclos temáticos dessa literatura na classificação de alguns autores, como Origenes Lessa e Ariano Suassuna (DIÉGUES JR, 1977).

É na literatura de cordel que o poeta popular encontra uma forma de expressar o pensamento do povo, os valores e ideais da sociedade, os sonhos, as ilusões, a insegurança ou a perseverança de pessoas comuns. Desse modo ocorre a transformação do que é real em fantasia. Os folhetos passam a ser fontes de inspiração, de entretenimento e de comunicação para um público que procura estar sempre ligado às suas raízes culturais.

O contexto nordestino presente nos cordéis constitui a identidade de um povo, representada pelas características locais dos personagens, que embora caracterizadas aparentemente aos padrões europeus, são modulados aos arquétipos de uma realidade sertaneja.

1 A literatura de cordel no nordeste brasileiro

A literatura de cordel possui um histórico cultural que abrange desde a cultura popular, como a poesia oral - a qual era recitada ou cantada e cujos versos eram memorizados pelos poetas - até a forma escrita, produzida especialmente para ser exposta e vendida ao leitor que se interessava pelas histórias narradas e/ou cantadas, as quais tratam de romances, pelejas, acontecimentos históricos, tragédias e narrativas fantásticas sobre reinos, príncipes, princesas, fadas e bruxas. Desse modo a literatura popular abrange, segundo Ayala (apud PINHEIRO, 2003 p. 96),

as histórias de vida de muitos desses homens e mulheres comuns, dependendo de sua habilidade, ao contar suas experiências, vão tecendo lembranças de festas, alegrias, tristezas, dificuldades para sobreviver, compondo para o ouvinte uma narrativa tão atraente como a leitura de um texto escrito.

O conhecimento da literatura de cordel é relevante para a compreensão da cultura popular, considerando os vários temas representados que interagem com a situação social dos brasileiros, e em especial dos nordestinos, e se mesclam com as lendas e os mitos regionais. Assim a criatividade dos poetas permite a unificação e a regionalização de alguns elementos, aproximando a realidade local da narrativa poetizada.

A temática é bastante diversificada. O cordel usa tudo ou quase tudo, como motivo para criação dos folhetos dos poetas populares. Desde os romances tradicionais [...], que nos chegaram da idade média, através do romanceiro ibérico, sendo aqui readaptado à

ecologia e aos sentimentos nordestinos, até assuntos históricos brasileiros, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, crimes, acontecimentos mais recentes da atualidade universal (MEDEIROS, 2002, p. 15).



Os assuntos abordados nos cordéis são de domínio público, e isso é o que torna a narrativa atrativa, ao abordar situações que estão inseridas no cotidiano e imaginário do povo brasileiro.

Em sua trajetória o cordel passou por diferentes graus de recepção pelo público adepto, ora era lido e cantado pelos poetas que aproveitavam o momento da venda de seus exemplares para fazerem divulgação de sua arte, ora era adquirido pelos leitores que procuravam esse tipo de literatura como fonte de entretenimento.

No ápice das vendas de suas obras os poetas cordelistas chegaram a contratar representantes de vendas para atuar em diferentes cidades e regiões, no entanto, a literatura de cordel teve um declínio com o aparecimento de meios de comunicação, como o rádio e posteriormente a televisão, que tomaram o espaço da leitura que entretinha grupos familiares e de amigos que se reuniam para ouvir as histórias fantásticas do universo do cordel.

Para Maranhão (1981, p. 27), outros fatores foram, também, responsáveis pelo declínio do cordel:

1. A morte dos grandes poetas – figuras reconhecidas pelo zelo e amor à poesia popular.
2. O fechamento das maiores tipografias de folheto – que desequilibraram a circulação e venda de cordéis.
3. O afastamento do ramo – a migração para o sul do país gera a desintegração cultural.
4. O transporte caro – aumentos das passagens de ônibus não possibilitaram o deslocamento do poeta para lugares mais distantes.
5. Alto custo tipográfico – em decorrência da crise do papel.
6. “O acocho de feira” – impostos altos do “chão de feira”

Nos dias atuais essa literatura ainda possui um público fiel que está cada vez mais restrito ao espaço acadêmico, aos pesquisadores da literatura popular, aos admiradores da arte cordelista e aos que prestigiam eventos da poesia popular, em que as obras podem ser declamadas pelos próprios autores, ou então em algumas escolas que incluíram o cordel no acervo bibliotecário como mais uma fonte de leitura, o que é ainda muito reduzido em número de títulos.

Existe uma diversidade de personagens retratados no cordel, cada um compondo um tipo particular que obedece a construção de aspectos

caracterizadores de uma realidade universal compostas por elementos fictícios, que introduzem poderes mágicos, situações de mistérios, de aventura, comportamentos heróicos e, ou de espertezas ou de submissão, ou bondade ou perversidade. Para Ayala (apud PINHEIRO, 2003, p. 196),

[...] a literatura popular, como as outras práticas culturais, se nutre da *mistura*. Seu fazer precisa da mescla, e esse processo de hibridização talvez seja um de seus componentes mais duradouros e mais característicos. O sério mesclando com o cômico; o sagrado com o profano; o oral com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra; [...]

Nesta perspectiva Luyten (1992, p. 43) afirma que “por tudo isso, podemos dizer, simplesmente, que a literatura de cordel, como é cultura popular, trata de assuntos que interessam ao povo. E quando o faz, refere-se a assuntos e pessoas sob o ponto de vista popular.” Assim o cordel representa para a cultura do povo nordestino a essência poética da vida, a representação lúdica da cultura, do modo de vida, dos sonhos e desilusões.

Segundo Medeiros (2002, p. 16) “a história do povo nordestino de certa forma, pode ser contada e lida a partir de várias histórias de cordel, com uma riqueza temática bastante variada”. O leitor ao se deparar com determinado assunto apresentado no cordel sempre se questiona sobre o que é ou não real. É nesse ponto que está o fator que prende a atenção do leitor por influenciar a imaginação e interação com um universo fantástico: o imaginário popular, levando a identificar elementos do próprio espaço, da sociedade, de crenças, costumes e preceitos éticos e morais.

Nesse sentido Brait (1985, p.52) afirma que “[...] é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguística-literária ou espelho do ser humano.” O que a autora diz, faz referência a intenção do autor do texto para com o leitor, que é de situar este em uma realidade semelhante a qual está inserido, e assim prender a atenção para o desfecho do que está sendo narrado.

Quanto ao contexto histórico do espaço nordestino, Curran (2001, p. 48) aponta que

Em certo sentido, cada história que faz parte da crônica do cordel é ao mesmo tempo uma reportagem do evento, uma reação a ele, um julgamento e um comentário. O que resultava era, muitas vezes, um relato gostoso, revelador de uma geração e de sua relação à mudança.

Nesse sentido, os cordelistas permitem que suas criações espelhem as mudanças e a contextualização social da realidade no âmbito da ficção, provocando o leitor/ouvinte a deduzir situações que se assemelhem a própria vivência, mas de forma suavizada.

O ambiente nordestino também é retratado através de expressões usadas na fala do povo. Sendo assim Oliveira afirma (s/d.) que a: “[...] preocupação com a percepção do leitor em relação a cada folheto reflete na sua estrutura linguística, apresenta linguagem com características orais [...]”. A linguagem expressada pelos cordelistas segue a oralidade, com expressões regionais, que permite uma proximidade com a realidade dos leitores, criando, assim, um laço de intimidade com o texto. Haurelio (2010, p. 8) afirma que

as histórias de encantamento representavam uma fuga temporária da realidade quotidiana e um mergulho num mundo onde era possível. Os cangaceiros encarnavam um ideal de justiça numa época em que o coronel se postava como um senhor absoluto. Com o fim do cangaço, surgiram heróis de ficção como Rufino, o Rei do Barulho, José de Souza Leão e Antonio Cobra-Choca, sempre em papéis de vingadores das injustiças de que eram vítimas os sertanejos. Lampião, Padre Cícero, Getúlio Vargas e Frei Damião foram, e continuam sendo biografados pelos populares, intérpretes do inconsciente coletivo.

Trata-se, portanto, de assuntos e personalidades que interessam ao nordestino, por serem temas ligados à identidade socio-cultural desse povo e da composição da sua própria história. Ou seja, tudo tem a ver com as experiências e conhecimentos adquiridos de geração em geração, em que são transmitidos os valores e crenças que formam a cultura de um povo. Para Oliveira (s/d.), “os cordelistas colaboram para a identificação do público com seus escritos, usam artifícios a fim de aproximar obra e público [...], de forma que crie condições para que a obra seja compreendida e bem recebida.” Santos (apud MEDEIROS, 2002, p. 25) considera que

Literatura de cordel é arte, arte grandiosa do povo. Arte que compõe e revela o mundo fascinante da imaginação e do pensamento popular. O fascinante e desabusado mundo do cordel! Fascinante, pelo que contém de utópico, fatástico, maravilhoso [...] desabusado, por sua maneira de criticar, de comentar; pelo jeito muito seu de assumir posição diante dos fatos, perante si mesmo e perante ou outros mundos [...]

Os versos do cordel, os tipos de personagens, o assunto conduzido através das rimas, a mistura da realidade com a imaginação, a leitura ritmada, a leveza e simplicidade da linguagem, compõem um todo que cativa o leitor, se não no primeiro, mas no segundo contato que o mesmo tiver com a literatura de cordel. E

esta mantém uma estreita relação com o universo cultural do povo, por ter sua origem no meio popular e preservar elementos da identidade sócio-cultural, assim preservando o vínculo com a formação da cultura regional.

2. Os poetas cordelistas Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde

No que se referem aos poetas populares, alguns se destacam por terem investido tempo, trabalho e esforço na produção, publicação e venda de cordéis, chegando a tomar essas atividades como uma profissão. Um exemplo disso foi o caso de Leandro Gomes de Barros, considerado um dos pioneiros e um dos maiores cordelistas brasileiros, ao lado de Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, sendo este responsável pela formatação dos cordéis, tornando-se até empresário do setor.

Os poetas pioneiros da literatura de cordel foram responsáveis pelo surgimento dos folhetos que se tornaram clássicos da literatura popular e permaneceram sendo reeditados ao longo dos anos. A primeira geração de cordelistas influenciou os poetas que apareceram nas décadas iniciais do século XX. Foram os contemporâneos de Leandro Gomes de Barros, de Silvino Pirauá até aproximadamente a década de 1930. Dentre os principais se destacam: Francisco das Chagas Batista, João Melquíades Ferreira da Silva, José Camelo Rezende, Antonio Ferreira da Cruz, Severino Milanês da Silva e João Martins de Athayde, que intermediou as duas principais gerações, ou seja, conduziu a história da literatura cordeliana desde a época de Leandro Gomes até os expoentes mais jovens dos anos de 1950 (SANTOS, 2010, p. 22).

Esses poetas tiveram uma grande importância para a divulgação e a valorização da literatura de cordel, pela qualidade de seus folhetos e o número de exemplares publicados, o que fez com que as histórias em versos chegassem a um público cada vez maior. Assim as influências por parte dos grandes poetas permitiram que os talentos mais jovens se dedicassem a arte de fazer versos e publicassem seus textos com o propósito de propagar a literatura de cordel para além da região nordestina, chegando até a região sudeste através da migração de nordestinos que buscavam melhorias de vida nos grandes centros urbanos.

O poeta João Martins de Athayde produzia os próprios cordéis, ao mesmo tempo em que mantinha as atividades de enfermeiro e industrial, porém, depois resolveu se dedicar somente a arte de produzir e revender suas obras, além de também ser responsável por reeditar livretos de outros cordelistas. Com a morte de Leandro Gomes de Barros, Athayde comprou os direitos autorais dos folhetos do cordelista pioneiro e passou a reproduzi-los substituindo o nome do autor pelo seu. Segundo Ângelo (1996, p. 41),

Para alcançar a “perfeição” no ramo de editor, João Martins de Athayde não pensou duas vezes para contratar o poeta pernambucano Delarme Monteiro Silva (1918; autor festejado de vários folhetos [...]). A função de Delarme na empreitada de Athayde “era ampliar as histórias originais em seu poder, de 32 para 48 ou 64 páginas”, como narra em artigo publicado na revista *Interior* (Ano VII, nº 38, maio/ junho de 1981), o jornalista Jeová Franklin de Queiroz. Câmara Cascudo considerava Athayde – com quem chegou a manter correspondência – “o maior poeta tradicionalista do Nordeste brasileiro”. Tinha suas razões, como diz Mário de Andrade.

Athayde foi um grande divulgador do cordel, já que soube investir na produção cordelista, tendo como foco o ápice da aceitação das histórias poetizadas pelo público, tendo em vista que se tornou uma atividade produtiva.

3 Os cordéis *O balão do destino ou a menina da ilha*

Romance¹ composto em dois volumes de 32 páginas cada, os folhetos *O balão do destino ou a menina da ilha* são constituídos por 316 estrofes de seis versos setissilábicos. O primeiro volume tem edição datada em 23/12/1956 e o segundo em 23/04/1964.

Consta como autor o cordelista João Martins de Athayde, porém, supõe-se que a verdadeira autoria seja de Leandro Gomes de Barros, visto que os volumes (I e II) têm os mesmos indícios contextuais das outras obras publicadas por este poeta. Os direitos autorais de Leandro foram vendidos a Athayde, que passou a reeditar os cordéis adquiridos como se fossem de autoria própria, e por ocasião de sua morte, todos os cordéis de sua propriedade foram vendidos ao editor e também cordelista, José Bernardo da Silva. Quanto à apresentação da obra verifica-se que a ilustração da capa apresenta um desenho popular, nome do possível autor, o título do cordel e espaço para o rascunho do preço.

Os referidos folhetos estão divididos em duas partes distintas, porém inter-relacionadas: a primeira corresponde à identificação das personagens que compõem o reino de Atlantide e de todos da extensão territorial, incluindo a ilha de São Habor. O relato apresentado direciona o leitor para os fatos que desencadearão no encontro do príncipe com a moça pobre, ambientando-o sobre a representatividade de cada personagem, o que figura como os líderes políticos e as famílias nobres que têm determinadas regiões sob domínio, além da família dos camponeses que devem submissão à corte.

Já a segunda parte corresponde à história de amor entre o príncipe e a camponesa. Esse amor pode ser considerado impossível, já que a rainha e o rei não aceitavam que seu filho se casasse com uma plebeia. O príncipe estava prometido a uma moça chamada Corina, cujo pai salvaria o reino que se encontrava ameaçado financeiramente.

Os cordéis *O balão do destino ou a menina da ilha*, apesar de tratarem de uma história de príncipe e plebeia, ambientado numa corte, situam o imaginário do povo nordestino, ao apresentar uma versão sertaneja do romanceiro popular² europeu, com seus valores morais e éticos. Sendo assim, além de fazerem inferências a influências da cultura europeia no meio nordestino, apresentam, também, o universo da fantasia, a luta do bem contra o mal, e voltam um olhar especialmente para o tema da religiosidade, muito bem cultuada pelo povo do nordeste brasileiro, que tem como elementos formadores o sincretismo e o misticismo.

O volume I, então, é introduzido por algumas considerações sobre o futuro e o destino que pode ser traçado ao ser humano. É o que se observa na estrofe seguinte:

O futuro até aqui
ninguém pode predizer
Se grandes sábios da terra
nunca puderam entender
só Deus no mundo é que pode
o mistério conhecer
(ATHAYDE, vol. 1, p. 1)

Esta estrofe denota a crença no destino traçado pela divindade. Percebe-se, através da linguagem usada pelo poeta, bem como pelo contexto, a forma de o nordestino “ver a vida”, confiando a Deus o seu futuro, pois para muitos, Ele já determinou a sina de cada pessoa.

A partir da 5^a estrofe até a 22^a (volume I), as personagens do reino de Atlantide são apresentadas em um festejo junino, promovido pelo rei Geraldo, em homenagem a São João, conforme se observa na 8^a estrofe:

Era quase todo ano
Que o rei por devoção
Festejava com fulgor
O milagroso São João
E convidava os monarcas
De quase toda nação
(ATHAYDE, Vol. 1, p. 2)

Nesse aspecto tem-se uma relação com a cultura do nordeste, sendo que a intenção do poeta é aproximar o leitor do contexto narrado, no que diz respeito

aos costumes religiosos e às crenças. É o caso da devoção pelo santo, e da tradição dos nordestinos de promover festejos juninos a fim de comemorar o dia de São João.

A simplicidade contida na forma de narrar a história, de apresentar as personagens identificando-as no contexto social, faz com que o leitor/ouvinte estabeleça uma relação de identidade com a situação na qual aquelas estão inseridas, seja ela, através de contos conhecidos ou até mesmo de relatos sobre a hierarquia dos administradores locais, e ainda sobre os cenários e atividades cotidianas.

Com a expressiva devoção, advinda da religiosidade presente nas personagens centrais da corte, à meia-noite da véspera de São João, o príncipe Durval, que era prometido a uma princesa contra a sua vontade, soltou um balão.

No balão tinha uma placa
dizia: qualquer donzela
a primeira que pegar
no balão caso com ela
seja a menina qual for
nobre, pobre, feia ou bela
(ATHAYDE, vol1, p. 6)

O balão voo durante 3 meses, passando por reinos estranhos, caindo numa ilha praticamente deserta, habitada por uma moça chamada Luz da Serra e seus pais. Essa família também era muito religiosa e devota de São João. Vanida e Justino ensinavam a menina “a venerar com amor/ respeitar, amar a Deus/ seguir a lei do Senhor” (ATHAYDE, vol1, p.24). E com toda essa devoção, fé e esperança:

No seu leito de capim
deitou-se a linda donzela
pediu ao senhor São João
que ele mostrasse a ela
o homem que havia de ser
algum dia esposo dela
(ATHAYDE, vol.1, p. 24)

Após fazer suas orações ao santo de devoção, através de um sonho premonitório, Luz da Serra pôde ver-se casada com um príncipe. Passados noventa dias da subida do balão, a menina, da janela de sua casa, viu quando ele caiu.

Outra passagem que mostra a religiosidade como elemento do contexto nordestino é a recorrência à promessa, algo muito comum entre os sertanejos. Para receberem determinadas graças (favores), muitas vezes consideradas impossíveis, muitos nordestinos tradicionalmente tinham (e ainda têm) o hábito de recorrer aos santos de devoção. Sendo assim, fazem orações e prometem ao alcançar a graça pedida, agradecer, “pagando” à altura, geralmente com algo que gere algum tipo de sacrifício. Ao saber que a rainha Nadira estava muito doente, o príncipe Durval fez uma grande promessa, pediu pela recumperação da saúde da rainha e jurou que esta seria cumprida.

Durval fez esta promessa
numa tarde ao escurecer
contrito ajoelhou-se e disse
- Jesus o vosso poder
- é supremo e infinito
- só vós podeis nos valer

- Eu promero levantar
- na ilha de São Habor
- uma igreja e entronsar
- a vossa imagem senhor
- e prometo venerá-la
- com muita fé a amor

(ATHAYDE, vol.1, p. 29)

Durval ainda prometeu adotar uma menina pobre e fazê-la uma dama, caso a sua mãe fosse restabelecida. E assim, segundo o cordel, a Santíssima Trindade abençoou o seu pedido, no seio da divindade (vol1, p. 30). Diante da melhora da rainha, uma caravana real saiu com destino à ilha de Habor, com o propósito de pagar a promessa feita pelo príncipe. A partir desse momento, todos passaram a procurar uma pobre menina.

A vida simples do nordestino pode ser representada pela família que morava na ilha, pois ela retirava o próprio sustento da terra, e não tinha nenhuma regalia, não compartilhava da mesma ambição dos indivíduos da realeza. Tem um comportamento de respeito velado aos superiores, o que faz com que todos os seus componentes tenham o modo de vida modificado ao seguirem junto com a comitiva real, sendo transformados em instrumentos do destino, traçado pelo juramento do príncipe, posto no balão que chegara a ilha e fora encontrado pela jovem desconhecida.

O volume II retoma o enredo iniciado no volume anterior. A situação relatada confere a ideia apresentada no título da história *O balão do destino ou a menina da ilha*, de que o destino que é traçado pode mudar o trajeto dos fatos, mas sempre chegará ao ponto antes determinado: assim o autor introduz no enredo os acontecimentos que propositalmente são modificados e se direcionam a um único desfecho. Neste contexto o caminho percorrido pelo balão seguiu a ordem dos acontecimentos para que o príncipe e a moça da ilha se encontrassem.

A comitiva do rei viajou durante sete meses até a ilha de Habor. A rainha e o rei, *a priori*, encantaram-se com Luz da Serra e a convidaram para se tornar uma dama em Atlantide. Os reis a levaram para a corte, junto com os seus pais. Ao ver o príncipe, a menina

[...]
sentiu forte emoção
disse consigo: foi esse
que na noite de São João
sonhei com ele e jamais
saiu do meu coração
(ATHAYDE, vol.2, p.2)

Por ser um conto de príncipe e plebeia, propositadamente acontece o amor à primeira vista entre Luz da Serra e o príncipe Durval, pois a partir desse sentimento arrebatador, acontece a trama narrada no segundo volume do cordel, que envolve sofrimento, separação e, por último, o “final feliz”.

O amor entre o casal se firma quando a menina contou a Durval o sonho premonitório e acrescentou que tinha sido a primeira a ver o balão cair na ilha. O príncipe, então, relata a verdadeira história do balão e que o destino se encarregou de tornar aquilo que aparentemente era brincadeira em uma desculpa para unir os dois, para que eles pudessem viver uma história de amor verdadeiro, abençoada por São João. De posse desse relato, observa-se que possivelmente essa história estava predestinada e que as atitudes das personagens são justificadas por algo que é maior do que seu livre-arbítrio.

Ao saber da história de amor entre seu filho e a plebeia, a rainha Nadira e o rei Geraldo tentaram separar o casal, enviando o príncipe para outra localidade, e levando Luz da Serra até um solitário convento, onde ela deveria ser envenada e morta. Provavelmente por forças do destino, a religiosa a quem estava confiada a missão de matar a menina, desobedeceu as ordens do rei, e a escondeu numa masmorra. Luz da Serra mudou de identidade e passou a se chamar Irmã Margarida.

Vale salientar que a trajetória traçada pelo destino justifica os fatos ocorridos, pois para que o final feliz pudesse acontecer, antes precisaria acontecer uma série de ocorrências para que o amor, caso fosse verdadeiro, resistisse e se

fortalecesse. Ao regressar de Noruigo, o príncipe Durval teve que enfrentar uma guerra motivada pelo rompimento do seu noivado com Corina. Quando estava à procura de refúgio, Durval encontrou Luz da Serra no convento. Ele venceu a guerra e voltou para Atlantide, onde foi recebido com festa pela corte. A religiosidade dos pais de Durval não foi forte ao ponto de eles aceitarem a menina no início, mas foi determinante para eles reconhecerem seus erros e pedirem perdão a Luz da Serra.

Considerações Finais

A literatura de cordel está inserida na cultura nordestina abrangendo o contexto social em vários aspectos desde os valores e crenças até a formação sócio-cultural, tendo como fonte de inspiração o imaginário popular.

Os temas abordados contemplam, em sua maioria, histórias que fazem parte do cotidiano ou ainda as que foram transmitidas por várias gerações. Elas acabam sendo transformadas em versos pelos poetas cordelistas, que inseridos no meio popular, se apropriam de elementos regionalistas como a linguagem, o espaço e os costumes, para aproximar o leitor/ouvinte do conteúdo versificado.

A relevância do cordel na identidade do povo nordestino é um fato notável por tratar-se de um tipo de literatura que emerge do meio popular. Nesse sentido continua mantendo uma relação que integra diferentes gerações, as quais transmitem entre si os enredos dos cordéis clássicos e permitem que as histórias se adequem à realidade regional, como é o caso do cordel *O balão do destino ou a menina da ilha*, em que muitos elementos da cultura nordestina, como a religiosidade, são inseridos com o propósito de tornar mais íntimo ao leitor aquilo que é universal.

Notas

1 Tem essa definição por ser uma narrativa mais longa, ou seja, por conter um maior número de páginas. Considera-se romance o cordel que tem a partir de 32 páginas.

2 “[...] Os romances peninsulares foram, por muito tempo, executados nos salões nobres do Velho Mundo antes de caírem no gosto popular, por volta do século XVI, coincidindo com a expansão marítima europeia. No Brasil, operou-se um intercâmbio que em tudo enriqueceu o Romanceiro. Praticamente esquecidos nas cortes, os poemas, recriados pela memória popular[...]” (HAURÉLIO, 2010, p 43).

Referências

ÂNGELO, Assis. *A presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo*: São Paulo: IBRASA, 1996.

ATHAYDE, João Martins. *O balão do destino ou a menina da ilha*. Vol. 1. Juazeiro, CE, 1956.
_____. *O balão do destino ou a menina da ilha*. Vol. 2. Juazeiro, CE, 1964.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. EDUSC, 2001.

DIÉGUES JR, Manuel. Literatura de cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

HAURELIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. Coleção Primeiros Passos, 98.

MARANHÃO, Liedo. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Masagana. Fundação Joaquim Nabuco, 1981, (Série Monografias), nº 20.

MEDEIROS, Irani. *No reino da cantoria sertaneja*. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 2002.

OLIVEIRA, Tâmara Lyz Milhomem de. *Cordel e linguagem: múltiplas relações*. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1758735>. Acessado em: 26/02/2013.

PINHEIRO, Helder; MARINHO LÚCIO, Ana cristina. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001. Coleção literatura e Ensino, 2.

SANTOS, Luciana Almeida dos. *A construção da personagem feminina em cordéis de João Martins de Athayde*. Monografia. Patos-PB: FIP-Faculdades Integradas de Patos, 2010.

Para citar este artigo

SANTOS, Luciana Almeida dos; ALMEIDA, Verucci Domingos de. O contexto nordestino nos cordéis “O Balão do Destino ou A Menina da Ilha”. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 2, n. 3, p. 45-59, dez. 2013.

Os Autores

Luciana Almeida dos Santos concluiu o curso de Licenciatura Plena em Letras pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP) em 2010, e o curso de Especialização em Língua, Linguística e Literatura, também pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), em 2013. É professora da Escola Municipal Manoel da Costa, no município de São José do Egito – PE. Desenvolve pesquisas na área de literatura popular.

Verucci Domingos de Almeida é Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus IV. Lotada no Departamento de Letras.